

NOTAS SOBRE ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO AFRICANO

Fábio Rubens da Rocha Leite
*Centro de Estudos Africanos e Leitor de Português e
Civilização Brasileira junto à Universidade Nacional
da Costa do Marfim*

A explicação sistemática do mundo, vale dizer, aquela que tende a escrever e compreender fatos sociais independentemente de suas localizações históricas, é fenômeno cultural inerente a qualquer tipo de sociedade. O que diferencia as explicações do mundo, em suas múltiplas formas, é o processo histórico de cada sociedade como um todo, de maneira diferencial, isto é, perfeitamente localizado no tempo e no espaço. Essas concepções, de um lado, se referem aos fenômenos em si e, de outro, aos fenômenos explicados a partir de concepções típicas como a científica, a artística ou a filosófica. Lidamos, portanto, com fenômenos e com as possíveis abordagens desses fenômenos. Para Ziégler, a "história-ciência" não consegue elaborar uma linha histórica contínua nem reconstituir o passado com a desejável precisão que tornasse o quanto possível válida a explicação do presente através de fatos do passado, comungando com Lévi-Strauss a postura segundo a qual tal ciência se apresenta essencialmente como um método. Por outro lado, considera que "... qualquer oposição entre sociedades 'sem história' e sociedades históricas" acaba se reduzindo a um distanciamento bastante exíguo: "a história-ciência das sociedades 'históricas' permite apreender, obedecendo a critérios científicos e para períodos estritamente delimitados, algumas tendências fundamentais do modo de sucessão dos acontecimentos quantificados. Em contraposição, a tradição oral nas sociedades africanas

transmite aos homens o significado ontológico do grupo, de uma maneira fulgurante e temporal. Em outras palavras, servindo-se do mito fundador, a tradição recria no imaginário a figura fundamental do grupo, desvendando-lhe assim sua ordem normativa mais profunda".¹ Nessa ordem de idéias a história, para o pensamento africano, não se configura como mera sucessão de eventos. Os eventos, para se tornar história, devem estar preenchidos de concretude. O problema que se apresenta para a clarificação do conceito reside em saber o que seja essa concretude para os africanos. O fato é, ou não. Será quando se revestir de caráter de totalidade, isto é, quando abraçar os aspectos mais fundamentais do evento. Isso serviria também para as explicações dos eventos históricos de outras sociedades, porém o caráter de totalidade dos eventos, para os africanos, assume outras características que não apenas as fatuais embora concretas. A totalidade deve ser vital, ou seja, deve estar indissoluvelmente ligada à representatividade do grupo não apenas como configuração decisiva do presente, mas como abstração fundamental do passado. A explicação africana da história, assim, não parece basear-se na interpretação imediatamente lógica e científica, mas em categorias estruturais imanentes que permeiam a existência social: a imanência intemporal é decisiva para a existência qualitativa do grupo enquanto representação coletiva total. Sempre que assim for, haverá história, vale dizer, os eventos estarão preenchidos de concretude. Parece-nos que a partir de tais idéias se torna mais possível entender o que seja o verdadeiro objeto da história entre os Bantu, conforme exposto por Kagame: "Alguns imaginam que uma sociedade é constituída pelos membros da geração atualmente viva. De fato, os homens que hoje vivem constituem apenas um elemento de sua sociedade; o território que eles ocupam constitui outro, o mesmo se diga da língua falada por eles, e de todos os elementos culturais que os distinguem das outras coletividades semelhantes. O elemento mais importante, porém, e o mais determinante é constituído pelos ancestrais de cada geração, que progressivamente criaram o território, a língua e todos os elementos culturais, legando toda essa riqueza à posteridade. Os que atualmente vivem são o que são por virtude desses bens sem os quais eles seriam inteiramente diferentes. Dessa forma, todas as gerações formam em conjunto um todo vivo".²

1 Ziegler, J. 1972.

2 Kagame, A. 1975.

Seguindo a ordem de idéias expostas, o fato histórico apontado por Kagame — o de que todas as gerações formam em conjunto um todo vivo — necessita ser preenchido de concretude. Como é possível? A resposta parece ser encontrada na forma sob a qual se estrutura o pensamento africano.

Para Adesanya "... a exigência de uma compatibilidade mútua de todas as disciplinas, elevada a sistema, é a arma principal do pensamento Yoruba".³ Explicitando seu pensamento, aquele autor indica um princípio para a compreensão dessa interdependência que, no pensamento Yoruba, gera o sistema: "Filosofia, teologia, política, sociologia, direito agrário, medicina, psicologia, nascimento e morte estão compreendidos em um sistema lógico tão compacto que, tirando-se qualquer uma de suas partes, desmorona-se a estrutura total".⁴ A interdependência, portanto, está fundamentada na compatibilidade lógica das categorias o que nos conduz à idéia de um sistema de pensamento e de explicação do mundo mantido pelo caráter interno de sua própria estrutura. História e filosofia se confundem no mesmo plano lógico onde a concretude decorre do caráter intrínseco da totalidade. As generalizações de Adesanya, desde um ponto de vista ontológico, parecem válidas. Para Jahn, tal compatibilidade extrapola o pensamento Yoruba, parecendo-lhe aplicável à filosofia africana em geral.⁵ Também Kagame declara-se convencido de que suas conclusões, pelo menos em grande parte, valem igualmente para a cultura sudanesa, embora suas análises, em objeto específico, tenham sido centralizadas na África Bantu.⁶

Pensando em termos de um sistema interdependente estruturado pela compatibilidade de suas categorias, teríamos que todas as categorias assumem igual importância qualitativa para o sistema. Essa tese, se verdadeira, reduziria o pensamento africano a zero, pois se assim fosse, inexisteriam contradições internas. Ocorre, porém, que o sistema de pensamento parece distinguir muito bem quais as categorias que são essenciais e decisivas para o sistema. O próprio caráter de dependência assumido pelas categorias que estruturam o sistema demonstram que, longe de uma aparente simplicidade, a visão de mundo do africano e sua concepção mais internalizada acerca da realidade repousam em princípios altamente complexos emanados de uma lógica coerente e totalizante de nobre envergadura. Assim, por exemplo, somente

3 Adesanya, A. 1958. Cit. por Jahn, J. 1970.

4 *Id.*, *ibid.*

5 Jahn, J. 1970.

6 Kagame, A. 1975.

o que é decisivo é total. E todos os eventos se inter-relacionam com apenas quatro categorias decisivas a partir das quais o mundo é explicado. Trata-se de uma síntese notável, que permite colocar nos devidos lugares todos os eventos preenchidos de concretude. Essas categorias decisivas são o Homem, a Coisa, o Tempo e o Espaço e a Acidentalidade (ou modificação do Ser), conforme exposto por Kagame.⁷ A concretude do objeto é eterna, não se modifica fundamentalmente por força do processo histórico. Este é apenas um evento que se reporta ou não a uma das categorias decisivas e só ganhará concretude se for preenchido de vitalidade indivisível e unitária, isto é, se for algo que ganhe significado para a totalidade do grupo, passado e presente, situando-se no centro do sistema ideológico e explicando a problemática da vida como um todo: "Assim, todos os eventos históricos acontecem na realidade, mas são apreciados em função dessa lógica mágica. Não gostaríamos que a expressão 'lógica mágica' fosse entendida como alusão à mentalidade pré-lógica que certa escola atribuía falsamente aos 'primitivos'. O que chamamos de 'lógica mágica' não é um estágio de uma mentalidade que progride em direção à lógica cartesiana; é um sistema de pensamento completo em si mesmo, mas de um gênero diferente. Subsiste como uma concepção do mundo que lhe corresponde; não pode evoluir e é abandonado tal e qual, quando se adquire uma concepção do mundo diferente".⁸

Mas há um detalhe metafísico em tais concepções. As categorias decisivas que estruturam o sistema não são apenas aparatos de uma lógica extravagante ou da razão estanque apreendidas a partir da realidade empírica imediata. Elas são força. Força vital e universal, indivisível embora hierárquica. Força que é inerente a qualquer Ser e, por força do sistema de pensamento, a uma ou a todas as categorias decisivas. Nada está separado de nada, fundamentalmente. A escala hierárquica corresponde à hierarquia da força que anima o evento e lhe dá concretude, explicando a compatibilidade das categorias e, ao mesmo tempo, as condições, também vitais, em que ocorrem as contradições e sua inserção lógica no sistema total. Assim a totalidade é qualitativa, intrínseca e unitária, inter-relacionada e harmônica, desdobrando-se em graus qualitativos. É a inter-relação e a hierarquização das forças, tratada por Tempels.⁹

7 Kagame, A. 1975.

8 *Id.* 1975.

9 Tempels, R. P. P. 1949.

Tais concepções, parecem baseadas em uma noção dinâmica e vital do Ser, ou, segundo Tempels, naquela noção de que o Ser é força ou, ainda, de que o Ser é a coisa que é força. Não existe pois apenas coincidência entre matéria e força. Na realidade, matéria e força nunca estiveram separadas.¹⁰ Do pensamento grego extrai-se que essa força vital evidencia uma concepção filosófica do mundo através da qual o Ser pode ser concebido, por analogia, com os demais seres vivos, caracterizando-se dessa forma uma relação intrínseca, amalgamada de força vital irredutível apenas aos processos físico-químicos dos organismos, ganhando envergadura filosófica mais ampla. Aceitando-se que a relação entre matéria e espírito poderia se transformar em uma relação meramente animista, o sistema de pensamento africano faz aceitar, mais dilatadamente, que essa relação de animista se torna intrínseca, ou seja, os seres não estão apenas animados por um fator comum à natureza das coisas. Eles são concretamente vitais, pois tal força é intrinsecamente corpórea, possui qualidades diferenciais que definem o Ser: "La notion de force est donc liée essentiellement à toute notion d'être. La force est inséparablement liée à l'être et c'est pourquoi ces deux notions demeurent liées dans leur définition de l'être".¹¹ O Ser somente se configura plenamente a partir da força e o inverso. Daí ser a força um elemento vital que dá concretude e totalidade ao fato: "L'être est force, la force est être. Notre notion d'être c'est 'ce qui Est', la leur 'la force qui est'. Là où nous pensons le concept 'être', eux se servent du concept 'force'. Là où nous voyons des êtres concrets, eux voient des forces concrets. Là où nous dirions que les êtres se distinguent par leur essence ou nature, les Bantous diraient que les forces diffèrent par leur essence ou nature. Suivant eux, il y a la force divine et les forces célestes et terrestres, les forces humaines, animales, végétales et même les forces matérielles ou minérales. Et ils considèrent tous ces êtres comme des forces spécifiquement différentes et numériquement distinctes".¹² Assim, a realidade, abrangendo ao mesmo tempo as forças e os seres, é uma realidade dinâmica, diferencial, que toda via se harmoniza com o sistema de pensamento. Este não é o substrato de uma mentalidade pré-lógica que caminharia para o raciocínio cartesiano,

10 Jahn, J. 1970.

11 Tempels, R. P. P. 1949.

12 *Id.* 1949.

como citado anteriormente. É um sistema próprio, de grandes proporções, em nada destruído por estar baseado em conceitos de vitalidade intrínseca. Já vimos que o sistema se baseia, mais propriamente, em categorias compatíveis. Estas é que estão preenchidas dessa vitalidade que identifica os seres e, conseqüentemente, os eventos. O conceito de força vital enriquece o pensamento africano pois a própria força, sendo vital e diferencial, estabelece, ao mesmo tempo que explica, as contradições do sistema de compatibilidades: "Il serait abusif de conclure que les Bantous sont 'dynamistes' ou 'énergétistes', comme si l'univers était animé d'une force universelle, une sorte de puissance magique englobant toute existence, ainsi que semblent le croire certains auteurs . . . Telle serait l'interprétation européenne d'une philosophie primitive mal assimilée. Les Bantous font une nette distinction, et connaissent une différence essentielle entre les divers êtres, mettons entre les diverses forces"¹³

O pensamento africano estrutura-se, portanto, a partir de diversas abordagens inter-relacionadas e que se sintetizam, como citado, nas quatro importantes categorias explicativas apontadas por Kagame, categorias essas que permitem vasta exploração filosófica visando alcançar as raízes da visão de mundo que propõem. Seu objeto histórico, por sua vez, é a totalidade do sistema que se projeta desde o passado e explica o presente a partir de categorias decisivas, enriquecidas por conceitos imanentes de força intrínseca e vital, que absolutamente não se confunde com a dimensão mítica ou mitológica, tão facilmente aceitáveis, da qual é, entretanto, fator intelectual originário internalizado na memória dos grupos através das tradições orais. A concretude do sistema afigura-se ao mesmo tempo materialista — no sentido de atingir-se a concretude do evento através de sua animação pelas categorias decisivas da explicação totalizante dos fatos — e profundamente espiritual por estabelecer hierarquias a partir das quais explica os seres, diferencialmente, no conjunto de sua totalidade, criando um universo próprio onde a força e a vitalidade são elementos coerentes, indicando a necessidade de não se deixar ao abandono total a apreensão de certos aspectos do homem e seu pensamento.

13 Tempels, R. P. P. 1949.

BIBLIOGRAFIA

- ADESANYA, A. *Yoruba Metaphysical Thinking*. Ibadan, 1958.
- BALANDIER, G. *As Dinâmicas Sociais (Sentido e Poder)*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- GRIAULE, M. *Dieu d'eau*. Paris, Fayard, 1966.
- JAHN, J. *Muntu: las Culturas de la Negritud*. Madrid, Guadarrama, 1970.
- KAGAME, A. "Apercepção Empírica do Tempo e Concepção da História no Pensamento Bantu". In: *As Culturas e o Tempo*. São Paulo, Vozes/EDUSP, 1975. (Coletânea)
- TEMPELS, R. P. P. *La philosophie bantoue*. Présence Africaine, Cap. II: "L'Ontologie des Bantous". Paris, 1949.
- ZIÉGLER, J. *O Poder Africano*. São Paulo, Difel, 1972.